

## Toda a Galera

### Quem segurou as pontas

Acássia Delião, Cristina Uchôa, Rafael Stemberg e Vivian Ragazzi, do Projeto Revista Viração; Magda Fernanda e Rodrigo Hilário, do Programa Nacional DST e Aids, do Ministério da Saúde; Bia Caitana, do Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania (IIDAC)

### Jovens repórteres

Alison França, Allison dos Santos, Amanda Souza, Ana Carolina Menezes, Anna Rosa Vilar, Camila Santos, Camila Pinho, Cinthia Camilo, Daniel Davidson, Edson Santos, Edvan Mendes da Silva, Fábio Henrique de Moraes, Franco Arenas Reyes, Genny Grissel Quelca Lima, Gustavo Barreto, Ingrid Santiago, José Santos, Josi Salazar, Karina Ferreira, Kelly Araújo, Leandro da Silva, Melany Lima, Michele Aguiar, Natasha Braz, Natasha Diniz, Otávio Montanher, Paulo Ricardo Límira, Rafael Biazão, Rafael Homã de Oliveira, Rafaela Albuquerque Queiroz, Raphael Maik, Renata Souza, Solange de Oliveira, Thiago Victor, Wedson Fernandes de Souza, Weigton Pereira de Jesus

### Colaboradores

Fátima Cardeal, Léo Nogueira e Roselli Tardelli, da Agência Aids; Adriana Egito, Andréia Néri, Carla Perdiz; Alessandro Lino e Fábio Lino, da Conex 4; Márcio Baraldi, ilustrador

### Projeto do site - Escuta Soh!

Link e Cérebro

### Coordenação geral

Paulo Lima, do Projeto Revista Viração; Daniela Ligiéro e Alexandre Magno, do Unicef

### Projeto Gráfico

IDENTITÁ Profissionais de Comunicação  
Adriana Toledo Bergamaschi  
Marta Mendonça de Almeida

### Fotolito Digital

SANT'ANA Birô

### e-mail - Redação da Viração

redacao@revistaviracao.org.br

### Jornalista Responsável

Paulo Pereira Lima  
MTB 27.300

# Mapa da mina



Divulgação

#### • AREIAS AO VENTO 4

Jovens desabafam sobre estereótipos relacionados ao HIV

#### • EM SINTONIA 11

Conheça histórias de vida de jovens de São Tomé e Príncipe e da Bolívia

#### • PRAZER EM FALAR 12

Entenda as diferenças entre sexo e sexualidade em entrevista com a psicóloga Juny Kraiczky, do Ecos – Comunicação em Sexualidade

#### • ELE ABRAÇA A CAUSA 16

Laço no Cristo Redentor convida população a debater sobre o Aids

#### • MULTIPLICAÇÃO 18

Otávio Montanher, integrante do Escuta Soh!, fala sobre sua experiência no Paraná

Alexandra Simões



Galera do Grupo VHIVER, de Minas Gerais



## Não deixe de ler

- TESÃO 7
- NA RODA 8
- SOLTA O VERBO 14
- RAP DEZ 19



é a

# galera mandando seu recado!



Tudo começou numa tarde de outubro de 2007, quando 125 jovens de todas as regiões brasileiras e mais cinco países (um africano, um europeu e três sul-americanos) se reuniram no 2º Encontro Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids, promovido pelo Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa), em Salvador (BA) e apoiado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaid) e Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde. O Projeto/Revista Viração ([www.revistaviracao.org.br](http://www.revistaviracao.org.br)) entrou em cheio nessa história, contribuindo com a formação da equipe de 30 jovens para pensar a Comunicação de outra forma, mais democrática, participativa e integral.

Surgia então o *Escuta Soh!*

Assim mesmo, com 'h' no final e ponto de exclamação, numa tentativa de romper com os estigmas e preconceitos. Escolhido pelas/os jovens, o nome da revista e do site exclusivo na internet ([www.revistaviracao.org.br/escutasoh](http://www.revistaviracao.org.br/escutasoh)) remetem à voz da e do jovem, que pode e deve ser ouvida. A partir daí, mãos à obra. Era hora de sair atrás de entrevistas e imagens que contassem a história do evento pela ótica de quem mais entende: toda a galera que participou. Rolou até uma rádio super massa, com vinheta e tudo!

Mas você acha que o trabalho acabou quando o evento chegou ao fim? De jeito nenhum, estava apenas começando! A equipe continuou em rede, se comunicando por uma lista de discussão, pelo telefone, carta, pombo-correio, até por sinais de fumaça, mandando novas reportagens que traduzissem suas realidades.

É importante destacar que as reportagens da revista não sofreram censura, e por isso podem não corresponder à opinião dos parceiros e apoiadores, e sim a visão desses jovens viabilizando suas demandas e protagonismo.

Um pouco deste material pode ser encontrado aqui na revista. Os outros textos e fotos estão no site do Escuta Soh! [www.revistaviracao.org.br/escutasoh](http://www.revistaviracao.org.br/escutasoh).

Valeu, galera!

Boa leitura!

DANIEL DAVIDSON

# máscaras

Festa de máscaras marca noite do 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids, realizado em Salvador (BA), de 19 a 21 de outubro de 2007

## Vidas sem

No segundo dia do 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids, rolou uma super festa na boate do Ondina Aparthotel para os participantes do evento. A festa começou por volta das 20 horas e contou também com a presença dos principais organizadores do encontro, que animaram ainda mais o momento.

Na entrada, foi entregue para cada jovem uma máscara de festa para climatizar ainda mais a noite que estava só começando. Ao som de música eletrônica, os jovens dançavam e se divertiam muito. Bem no auge da festa, a música foi interrompida por dois rapazes, Edson Santos e Camila Pinho, integrantes do Grupo VHIVER, de Belo Horizonte (MG), que pegaram o microfone e fizeram um desabafo que sensibilizou os presentes.

As frases foram as seguintes:

"Somos jovens, somos humanos.  
Devemos ser protagonistas  
da nossa história."



# Hip Hop

“Ao pensar como é, ou o que é ser soropositivo, passam algumas coisas pela cabeça: eu estudo, trabalho, namoro, faço teatro, tenho amigos, gosto de música, de festas, entre muitas outras coisas. Tá, mas e daí? Isso não me caracteriza como soropositivo e não me diferencia muito das outras pessoas. Por que será, então, que às vezes sinto-me como se escondesse algo delas? Ou por que muitas vezes me sinto incomodado em dizer a elas que sou soropositivo?”

Creio ter medo da forma como me lançarão o olhar de estranheza ou, até mesmo, de curiosidade. Elas ainda nos imaginam acamados nos hospitais e desacreditam na vida após o HIV. Mais do que acreditar, eu aprendi a viver com o HIV.

Desde então, faço parte de um grupo de apoio, integração social e informações gerais a outros soropositivos. Comecei a trabalhar com a aids acolhendo aqueles que passam por toda a dor e sofrimentos já vividos por mim. E, também, por meio de trabalhos de prevenção, cuidando para que outras pessoas não vivam tamanho sofrimento.

Após o trabalho, a caminho de casa, às vezes de súbito me vem à mente que ela não ficou no Grupo VHIVER, ela continua comigo, e vai estar em todos os lugares que eu estiver, quando eu acordar, me alimentar, quando eu abraçar, cantar, dançar, sorrir, chorar. Mas uma coisa ela não consegue fazer: me desanimar nem desistir de viver.

O jovem soropositivo deve sair da posição de coitadinho, de vítima, enfrentar o preconceito e combatê-lo.

Acima de qualquer coisa, somos jovens, somos humanos. Devemos ser protagonistas do nosso futuro, devemos responder por nós mesmos.

Quem sou eu? Qual é a minha cara?

Sou filho.

Sou amigo.

Sou pai e mãe.

Somos soropositivos.

Será que eu me aceito como sou ou isso não me interessa mais?

Não sou melhor.

Nem pior que ninguém.

Somos todos areias no vento.

Onde ficaram os meus sonhos?

E o que é ser soropositivo?

Não é ser doente.

Não é ser vítima.

Não é ser coitado ou incapaz.

O mais difícil é sair da imagem que se criou em cima da aids e que não me deixa acreditar no meu potencial, na minha garra. E me faz muitas vezes desistir de mim... da vida.

Passo a representar personagens.

E quando é que sou eu mesmo?

Ninguém tem que me entender.

Mas temos, por obrigação, tentar nos entendermos e nos conhecermos. Porque, só assim, poderemos nos construir em cima de bases fortes

e resistir aos grandes ventos e tempestades. Temos obrigação de lutar pela vida.”

Nesse momento, emocionados com o desabafo, todos aplaudiram Camila e Edson. Todas as máscaras foram rasgadas, que tinham na verdade o simbolismo das máscaras que usamos em nossas vidas. A festa continuou num clima gostoso e descontraído, em que os jovens tiveram a oportunidade de conhecer novas pessoas e se conhecerem melhor. ♀

## HIP HOP: a vida pela música

**Natasha Braz, Edvan Mendes e Leandro da Silva, do Escuta Soh!**

O grupo Evolução levantou o astral da galera no 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com o HIV/Aids. O Escuta Soh! entrevistou o MC Allisson sobre a trajetória do grupo.

**Quando surgiu o grupo de hip hop?**

O projeto começou em um casarão que era uma casa de show, que depois o GAPA/BA (Grupo de Apoio e Prevenção à Aids da Bahia) começou a coordenar, e foram selecionando os voluntários nas escolas.

**Em que você se inspira para escrever suas letras?**

Gosto muito de pesquisar em revistas, tem que se ler muito para se fazer uma letra.

**Como você relaciona o hip hop com sua vida e sua família?**

O hip hop já está no meu sangue, está relacionado ao meu dia-a-dia.

**O que o rap significa pra você?**

O rap é cultura e sabedoria, não vandalismo. É uma arte de rua que ensina o jovem de rua e vários outros que estão tentando passar uma mensagem por meio da música.



# Tecendo o saber

Psicóloga e coordenadora de projeto social voltado para jovens vivendo e convivendo com HIV/aids diz que a escola está longe de saber lidar com a sexualidade

ALISON FRANÇA, SOLANGE DE OLIVEIRA e RAPHAEL MAIK, do Escuta Soh!

**A** psicóloga Ana Teresa Bonilha coordena o projeto Tecer o Futuro, do Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto, na capital de São Paulo, que prepara jovens que vivem com o HIV/aids para o mercado de trabalho e aos estudos. Ana Teresa atua em trabalhos relacionados ao combate à aids desde 2000, quando estagiou na antiga Febem (atual Fundação Casa). Durante o 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids, ela conversou com a equipe do **Escuta Soh!** sobre escola, religião, família e sociedade.

## Como a Igreja Católica lida com o preconceito?

A Igreja Católica é muito grande, com muitas teologias e formas de pensar. Existem correntes que são mais progressistas e correntes que entendem que se Deus deu o corpo pra gente, a gente tem que cuidar desse corpo. Esse pessoal [progressista] acha que, apesar de o papa ter proibido o uso da camisinha, a gente precisa pensar que o mais importante é cuidar do corpo. Já outros acham que o sexo é apenas para ter filhos.

## A família de hoje está preparada para instruir os filhos?

A família ensina, sim. Entretanto, nós temos que pensar de qual família estamos falando, não podemos generalizar. Às vezes, ensinam coisas que não são verdadeiras; muitas vezes, coisas que não são legais. Para preservar os filhos, os pais dizem coisas que vão reprimir o sexo, então eles inventam mentiras. Mas têm as famílias com diálogos abertos, que se atualizam, que aprendem coisas novas. Essas famílias podem fazer prevenção, ouvir o que os filhos têm a dizer.

## E a escola, está preparada para falar de sexualidade, HIV/aids?

Normalmente, pelo menos em São Paulo, quem cuida deste tema na escola é a disciplina de Biologia. Portanto, a escola só tratará do tema quando tiver essa aula. Geralmente no Ensino Médio. Mas é muito técnico. E, quando acontece algo real, quando aparece alguma pessoa com um caso real, a escola fica desorientada para fazer um trabalho de conscientização. Cabe a nós também ensiná-las.

*Ana Teresa: "Quando acontece algum caso real, a escola fica desorientada."*



# Exemplo de luta

A inglesa Kate Harrison, da ONG International Alliance, trabalha com crianças vivendo com HIV/aids em países em desenvolvimento

**A** nos 80. O vírus HIV e a aids começavam a ser noticiados na imprensa, sempre de forma ameaçadora. Artistas como Freddie Mercury, da banda Queen, assumiam ser soropositivos, gerando pânico entre as pessoas. A falta de informação aumentava as especulações. Naquela época, a então adolescente inglesa Kate Harrison também não sabia como lidar com aquela sigla.

O tema começou a fazer parte de sua vida quando Kate, já formada em Psicologia, começou a estudar pedagogia. Nas aulas, notou que apreciava falar sobre assuntos relacionados a HIV/aids. Em seguida, fez as malas e partiu para Uganda, na África, onde viveu por três anos. De volta à Inglaterra, começou a se especializar na área.

Hoje, Kate é assistente-técnica sênior para crianças vivendo com HIV/aids, na ONG International HIV/aids Alliance, em Brighton, sudoeste da Inglaterra. Kate luta contra o preconceito, levando informações sobre prevenção a países em desenvolvimento. “Trabalhar com o tema HIV é interessante porque muito do que aprendemos se aplica à nossa vida em geral. As lições que aprendemos sobre prevenção também nos dizem muito sobre

comunicação, poder e relacionamento interpessoal”, conta Kate.

Nas muitas viagens que ela fez para a África e para a Ásia, se deparou com situações tocantes. Uma que a deixou bastante abalada se deu ao término de um dia de visitas a casas de pessoas vivendo com HIV/aids, no Camboja. Com a filha de 18 meses no colo, um voluntário soropositivo da comunidade disse a ela que estava preocupado com o futuro da criança, caso ele morresse. “Ele disse, chorando, que estava tão ocupado apoiando os outros, que não tinha tempo para cuidar de si mesmo. Agora, sempre pergunto: ‘quem cuida dos voluntários?’”, questiona Kate.

Em outubro de 2007, Kate participou do 2º Encontro Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids, em Salvador (BA), e foi entrevistada pela galera do **Escuta Soh!**. Em quase uma hora de bate-papo, a inglesa falou sobre seu trabalho com crianças vivendo com HIV/aids, e das diferenças no tratamento pelo mundo. “Quando trabalhei na África, o acesso aos

FÁBIO HENRIQUE DE MORAES,  
KELLY ARAÚJO e VIVIAN  
RAGAZZI, da Viração



*Kate Harrison, da ONG International HIV/aids Alliance*

medicamentos era muito difícil. Na Índia também, mas em menor proporção. Já na Inglaterra, a maior parte das pessoas soropositivas são adultas, devido ao bom acesso na prevenção da contaminação de mãe para filho (vertical)”, explicou Kate. Para ler a entrevista na íntegra, acesse o site do Escuta Soh!: <http://revistaviracao.org.br/escutasoh/?cid=14&notId=7>

# Na Roda

RAFAELA NEVES DE ALBUQUERQUE,  
ANNA ROSA VILAR e  
NATASHA FERREIRA BRAZ,  
do Escuta Soh!

## Thiago Victor

## Sem Neurras

Thiago Victor, 21 anos,  
integrante do Escuta Soh!  
e do Grupo VHIVER,  
bate um papo com a galera  
sobre a experiência de ter  
participado de uma  
campanha nacional



Arquivo Pessoal



O estudante de Filosofia Thiago Victor Barbosa descobriu que vivia com HIV aos 15 anos. Mal sabia que, passados 6 anos, ele estaria na luta para acabar com o preconceito em relação aos que vivem com HIV/aids.

No final do ano passado, Thiago foi convidado pelo Ministério da Saúde a participar de uma campanha nacional incentivando o uso da camisinha, ao lado da cantora Negra Li. Mas, antes de dar as caras para todo o Brasil, o aspirante a filósofo já estava engajado em uma ONG, o Grupo VHIVER, de Belo Horizonte, para mostrar a todas e a todos que é possível levar uma vida saudável e sem neurras. Veja o que rolou no bate-papo da galera do Escuta Soh! com esse mineiro de fala super afinada e afiada.



Divulgação

### Depois da campanha do Ministério da Saúde, o que mudou na sua vida?

Ainda é cedo para eu dizer o que mudou na minha vida, mas espero que na vida de outros jovens e de outras pessoas muitas coisas tenham mudado e para melhor...

### Seus amigos te olham da mesma forma que antes da campanha?

A campanha não alterou em nada o nosso relacionamento. Amigos são amigos. Só me olham e dizem que sou mais feio do que a campanha mostra, porque lá eles me enfiaram a maquiagem na cara... Mas fora isto, continuamos muito bem.

### Falando em amigos, eles são os mesmos de antes de você ter contraído o vírus?

Não. Antes mesmo de contrair o vírus, eu abandonei os antigos. Sou uma pessoa difícil. Os com quem eu convivo hoje me conheceram quando eu já tinha o vírus, porém, eu só contei dois anos depois. Não sei se pra


minha alegria ou tristeza, até hoje eles continuam os mesmos... Brincadeira. Tem que existir alguma coisa de muito terrível pra eles me deixarem, mas isto não é o HIV.

### Por que o engajamento na luta pela prevenção do HIV/aids?

Luto pela prevenção, mas creio que me dedico mais à promoção da saúde de quem já tem. Faço isto porque eu vivo esta situação na pele e já vivi momentos que eu gostaria que não tivessem existido. Como isso ainda deve ocorrer com várias pessoas pelo mundo, o que faço é oferecer minhas mãos a quem posso e tentar evitar ou amenizar estes efeitos do HIV/aids.

Acho que os motivos que levam alguém a se engajar em alguma coisa são muito pessoais. Porém, acho que as pessoas não precisam esperar muito, ou que lhes aconteça algo para começar a fazer isto. São princípios humanos.

### Você acha que estar à mostra em um cartaz mudará algo em sua vida?

Com certeza. Toda ação tem uma consequência, e a minha está por vir... Seja ela boa ou má. 

Divulgação



Thiago e a cantora Negra Li em campanha do Ministério da Saúde

### Como você conheceu a ONG Vhiver?

Conheci por meio de um amigo que já frequentava a ONG. Ele me disse que seria bom eu procurar alguma forma de apoio e que a casa era muito boa. Disse que havia academia (de graça!) e diversas outras coisas: psicólogo, reuniões, oficinas etc. Ele me apresentou o atual presidente, Valdecir Fernandes Buzon, que me acolheu desde o início e está ao meu lado até hoje.

### Quais as principais características que um protagonista na luta pela prevenção à aids, como você, precisa ter?

Fico lisonjeado pela referência, obrigado. Primeiro, gostaria de ressaltar que, além da luta pela prevenção, também atuo pela promoção de vida e da saúde das PVHA (pessoas que vivem com HIV/aids) e Jovens Vivendo com HIV/aids. Acho que algumas características fundamentais são intrínsecas aos sentimentos de solidariedade, compaixão, amor, bem, consciência social e perdão. São princípios que, caso sejam desenvolvidos pela pessoa, levam o homem a se voltar à ação social espontânea e livre de interesses que não seja o da promoção humana. A partir daí, o cuidado com o outro, entre outras ações, serão práticas cotidianas.





# Mundo afora

Dois continentes, três histórias de jovens vivendo com HIV. Kagilson, de São Tomé e Príncipe e Franco e Willma, da Bolívia, têm muito a dizer sobre conviver com o vírus e superação

Convidadas/os a participar do 2º Encontro Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids, em Salvador (BA), pela iniciativa Laços Sul-Sul, criada pelo Programa Nacional de DST e Aids e apoiada pelo Unicef, pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/aids (Unaid) e UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas), jovens de São Tomé e Príncipe, Bolívia e Paraguai estiveram lá. Além destes países, participam da iniciativa, criada em 2004, Nicarágua, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor Leste.

A galera conversou com Kagilson Dias Lima, 26 anos, de São Tomé e Príncipe, país de língua portuguesa com duas ilhas que fica na costa ocidental da África. Kagilson participou do 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids, e falou sobre como o HIV é encarado em seu país.

## Você sabe quando você contraiu o vírus HIV?

Por volta de um ano e meio atrás.

## Qual foi sua reação ao saber que estava com HIV?

Pensei que iria morrer, porque pessoas têm muito preconceito. Mas não deveriam ter, pois não conhecem as pessoas. Eu tive que deixar de trabalhar e larguei tudo.

## Como você se sente hoje vivendo com HIV?

Já estou conformado, porque, antes, pensava que estava acabado, que essa doença não tinha cura, então fui falar com um médico amigo meu o que tinha acontecido comigo, entender por que eu tinha contraído essa doença. Então ele me aconselhou a tentar juntar umas pessoas soropositivas. Mas isso foi muito ruim, porque, no meu país, as pessoas não querem falar dessa doença, é uma grande confusão juntar pessoas para fazer uma associação.

## NA BOLÍVIA...

Quando a estudante Willma Veizaga descobriu que vivia com o HIV, vírus que contraiu do marido, a primeira coisa que ela pensou foi no filho de cinco anos. "Graças a Deus, ele é soronegativo", lembra.

Já Franco Arenas Reyes, de 21 anos, ao descobrir ser soropositivo, teve que se deparar com o preconceito no local onde cursava medicina em Cuba. "Estava em aula quando me entregaram o resultado do exame de HIV."

Willma e Franco têm muito em comum. Além de morarem em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, os dois descobriram que o diagnóstico do vírus não poderia impedi-los de seguirem suas vidas naturalmente. "Só que agora com metas, com mais vontade de alcançá-las", diz Willma.

Franco também tem objetivos. "Faço Administração Geral, mas depois farei Psicologia." Willma diz que também quer se profissionalizar, mas, com bom humor, já pensa em quando ficará idosa. "Quero me ver de cabelos brancos!"

## "DESAFIO DE DEUS"

A crença religiosa foi algo que os ajudou a superar o trauma vivido no início. "Foi um desafio de Deus", conclui Franco, que atualmente é educador de crianças que vivem com HIV/aids em um projeto chamado Niños y Niñas que Viven Afectados por el VIH y Sida (Meninos e Meninas que Vivem com HIV/aids).



Red Ribbon International

FÁBIO SOUZA  
e KELLY ARAÚJO,  
do Escuta Soh!  
e RAFAEL STEMBERG,  
da Revista Viração

Agente de prevenção em postos de saúde e escolas  
em São Paulo, Karina Ferreira da Cruz conta como foi participar  
do 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids



# AGENTE NOTA 10

KARINA FERREIRA DA CRUZ\*

**T**enho 20 anos, moro no estado de São Paulo e trabalho como agente de prevenção e auxiliar de coordenação do Centro de Educação e Documentação sobre Adolescer Vivendo com o Vírus HIV (Cedoc). Participei do 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids e vou contar um pouco sobre a minha experiência de participar desse evento.

Eu me senti muito bem nesse encontro e amei estar na Bahia. Conheci muitas pessoas de vários estados e de outros países. Olha, não sou filósofa nem uma estudiosa, mas, como uma pessoa que vive com o vírus HIV, pude ter uma outra experiência.


Pude refletir, diante da janela do meu quarto, vendo aquela praia linda, a lembrança de uma garota que, com 16 anos, estava com depressão e se achava incapaz. Sentia ser a única no mundo todo vivendo com HIV/aids.

Mas, quando participei do 1º Encontro, pude ver que não era dessa forma e que muitos outros jovens também viviam o mesmo problema. Hoje, ao entrar nesse segundo encontro, não me via mais como uma garota, mas sim como uma mulher que está se capacitando, criando elos para se fortalecer para, onde eu estiver, estender o braço àqueles que mal se aceitam e se debilitam ao se depararem soropositivos.

Nós muitas vezes nos esquecemos que também somos portadores de sonhos objetivos, metas... Esquecemos que podemos ser mais e ter mais. Podemos nos formar, ser ótimos profissionais, nos casar e não ser apenas meros portadores do HIV/aids.

Somos cidadãos de direitos e de-veres e, assim como eu nesse encontro, cada um pode ser protagonista de seu destino. Esse encontro foi mais uma injeção de ânimo para nos fortalecer, para lutar,

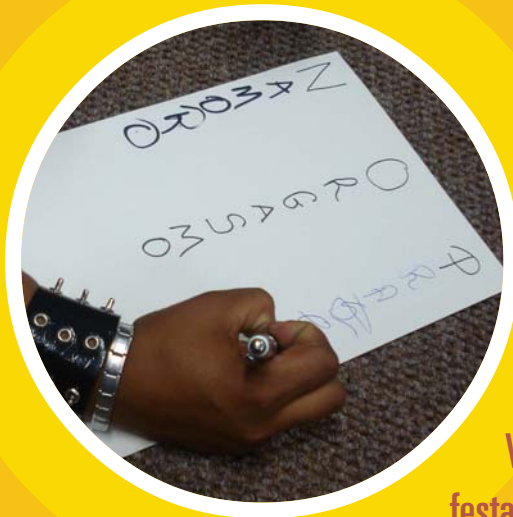
para mudar aquilo com que os órgãos governamentais não se preocupam e se incomodam.

Mas nós, jovens, vivemos atormentados, noite e dia, despertando os olhos cativos de tanta ignorância, achando que somos piolhos ou papagaios que imitamos, indo pela cabeça dos outros. Jovens são jovens, uns são responsáveis outros super responsáveis, e alguns são irresponsáveis, cada um ciente de seus atos. Plantar é opcional, mas colher é obrigatório. 

**\* Karina Ferreira da Cruz é agente de prevenção e auxiliar de coordenação do Centro de Educação e Documentação sobre Adolescer Vivendo com o Vírus HIV (Cedoc). O artigo foi publicado originalmente na Agência Aids ([www.agenciaaids.com.br](http://www.agenciaaids.com.br)), agência de notícias especializada no tema.**

# Falar de sexualidade

CAMILA PINHO e  
NATASHA DINIZ,  
do Escuta Soh!



## dá prazer

No 2º Encontro Nacional de Jovens  
Vivendo com HIV/Aids, rolaram palestras,  
festas e oficinas para aprofundar vários temas,  
como sexualidade, medicação, redução de danos

CAMILA PINHO e NATASHA DINIZ, do Escuta Soh!

**N**a tarde do dia 19 de outubro, a psicóloga Juny Kraiczky, do Instituto ECOS-Comunicação em Sexualidade, realizou a oficina Sexualidades, que contou com a participação de mais de 20 jovens de vários Estados.

A oficina despertou o interesse e a curiosidade dos jovens. Geralmente, a galera não tem espaço para falar abertamente a respeito deste assunto, que é mais amplo que falar do ato sexual em si.

Em casa, com os pais, na escola, entre outros lugares que o rodeia, o jovem não encontra espaço onde possa discutir sobre a sexualidade e o sexo de maneira natural.

O trabalho proposto gerou observações interessantes. A partir da dinâmica proposta por Juny, pôde-se observar a dificuldade dos jovens participantes. Por exemplo, no momento em que eles deveriam se cumprimentar com beijos no rosto, os meninos, principalmente,

se sentiram travados. Ou, como quando os jovens tiveram de definir sexo e sexualidade, várias palavras foram escritas em ambas as listas, percebendo-se que, para eles, estas palavras significavam a mesma coisa. E, em outro momento, quando os participantes formaram duplas e tinham que se colocar um no lugar do outro, os meninos tiveram dificuldade para se expor. Eles pensaram que, por fingirem ser do sexo feminino, deixariam de ser homens.

### LEIA ABAIXO O PAPO QUE ROLOU COM A JUNY.

#### Juny, afinal, qual a diferença entre sexo e sexualidade?

A gente trabalha com a idéia de que sexo é uma coisa mais relacionada ao aparelho reprodutor. Então, sexo masculino e sexo feminino. E as pessoas geralmente começam a relacionar isso com

o ato sexual, que é uma coisa mais restrita. Sexualidade envolve tudo o que significa ser "ser humano". Envolve gênero, afeto, preconceito. É uma coisa bem mais ampla. É importante entender isso.

#### Por quê?

Porque a gente sempre acha que falar de sexo é errado. Você não tem espaço para falar de sexo em lugar nenhum, porque acha-se que, só de falar, já vai estar incentivando as pessoas a transarem. Está falando que todas as pessoas têm direito à informação, está falando que qualquer adolescente pode, sim, ir a uma unidade básica de saúde para pegar camisinha, está falando de poder conversar como uma menina, se ela se sente bem com o próprio corpo ou não. As modelos hoje são pessoas esqueléticas, com cabelo loiro, isso tudo é sexualidade. É difícil a gente passar isso, mas é importante pensar que se fala de sexualidade o

## JOVENS DISCUTEM EFEITOS DA MEDICAÇÃO

Raphael Maik e Otávio Montanher

**D**urante o 2º Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids aconteceu a oficina Adesão à terapia: quais os problemas? Construindo soluções! Participaram cerca de 15 jovens de vários Estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraná, Paraíba.

A galera se reuniu para discutir os problemas que eles enfrentam para tomarem a medicação. “No começo, eu não queria tomar, cheguei até a jogar o remédio no vaso sanitário. Aí o que aconteceu é que peguei neuro-toxoplasmose e acabei ficando cego. Agora vejo a diferença que faz a medicação para os pacientes”, conta Edílson Camilo Martins, de 22 anos, morador de Goiás.

“A pessoa deve conhecer bem a medicação, conversar com outras pessoas que tomam a mesma medicação e também ter um bom relacionamento com seu médico”, explica a psicóloga Isadora Oliveira, de 28 anos. Para a mestra em Saúde Pública pela UFBA e integrante do Gapa – BA, “é um prazer, um orgulho estar na organização de um evento como este”.



*Isadora Oliveira, do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids de Salvador (BA)*

## Mandou bem

Helena Edília Lima Pires

**S**ou jovem de espírito, tenho 67 anos. Estar aqui com todos esses jovens foi muito rico em experiência. Viver, conviver e aprender com essa nova geração me faz repensar a afetividade, a responsabilidade, e que jovem estamos deixando para viver neste mundo atual, cheio de competição, com tanta discriminação e desigualdade.


Sou mãe de uma adolescente de 15 anos, filha do coração, e que tem uma história fantástica: minha filha tinha um irmão gêmeo que faleceu de aids aos seis meses, e minha filha negativou. Para mim foi um milagre e um presente de Deus.

Há 25 anos, eu vivo e convivo com pessoas com HIV/aids. Muito aprendi, porém, os desafios são enfrentados no dia-a-dia. Desejo que o respeito às diferenças, às diversidades e às adversidades sejam o lema de todos e todas e que os que participaram deste encontro voltem a suas cidades e lutem para que as diversidades, diferenças e adversidades sejam superadas com amor!

**Helena Edília Lima Pires é coordenadora do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids de Santa Catarina**

tempo todo, mesmo sem falar. Quando a gente, por exemplo, tira uma com a cara do outro porque acha que o outro está parecendo gay, você está falando de sexualidade. Tem muitos pais que falam “eu não quero que vocês falem com o meu filho na escola sobre sexualidade ou sobre sexo”. Isso é besteira, porque adolescente fala disso o tempo todo.

**Quando a pessoa é lésbica ou gay, mas não tem o estereótipo? Como é isso, na sua opinião?**

Acho que não tem padrão para a vivência da sexualidade. A gente é que inventa que, ou o cara é gay, ou o cara não é gay. Quem tem que definir o que é ou não é a própria pessoa. A gente é que colocou na nossa cabeça que o cara, para ser gay, tem que ser “mulherzinha”. E é um estereótipo de mulher. De alguma maneira, na nossa sociedade, tudo que se parece com uma mulher é desqualificado. 

# Sozinha

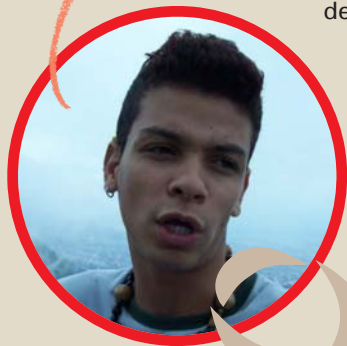
GUSTAVO BARRETO  
e RENATA SOUZA,  
da Viração  
Fotos GUSTAVO BARRETO

**M**ais de 26 anos se passaram desde a descoberta do HIV/aids e, apesar dos avanços em torno de pesquisas para o combate à doença, a Síndrome da Imunodeficiência Humana continua cheia de mistérios. O Brasil é considerado um dos países que mantêm os melhores programas de tratamento e combate ao vírus. Mas há muita coisa ainda a se fazer para que a doença seja erradicada. "A aids não é só uma questão de saúde, mas também de cultura e educação", diz o jovem Kleber Fabio de Oliveira, ao falar sobre os possíveis problemas da falta de informação das pessoas.

## Você acha que a aids é tratada com seriedade no Brasil?

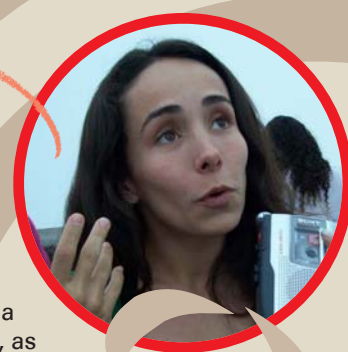
**FÁBIO MORAES, 20 anos, soropositivo, Rio de Janeiro, da ONG Pela Vidua, convive com HIV há quatro anos e meio**

"Quando você chega a certo local, eles te olham com uma cara do tipo 'aquele pegou na sexual, aquele ali é safado'. Existe esse olhar cínico. Aquele que pegou da mãe, na amamentação ou quando nasceu, é tido como coitado. Ainda falta seriedade em vários lugares. Para ter mais seriedade, a gente precisa da ajuda de todas as autoridades. Faltam políticas públicas. Na maioria dos casos, eles só põem propaganda e comerciais em época de festas, como Ano Novo e Carnaval, para as pessoas poderem se prevenir. Mas eles esquecem que os jovens têm relação sexual o ano inteiro, entendeu?"



**ALANDA GONÇALVES, 22 anos, Brasília (DF)**

"Não é levado tão a sério, porque não há quantidade de informação suficiente nas escolas, em casa. Você vê que muita gente ainda não tem uma opinião formada, não tem ou não sabe muito sobre o assunto justamente por isso. Além disso, ainda tem muito preconceito, por não ser uma doença curável. Pela falta de informação, as pessoas não sabem que é possível ter uma vida normal vivendo com HIV, com tratamento. E é um tratamento caro, todos sabem, portanto, o governo tem que levar mais a sério, sim, e investir tanto em pacientes já com o vírus e casos terminais como no tratamento precoce, para não piorar a situação."



**"A aids não é só uma questão de saúde, mas também de cultura e educação."**

**Kleber Fabio de Oliveira**

**EDSON GOMES DA SILVA, 25 anos, São Paulo**

"Acredito que sim. Tem vários projetos de que eu já ouvi falar que dão bastante ênfase à doença. E não só à aids, ao câncer também."





**LUIZ SOARES, 33 anos, Rio de Janeiro, voluntário na Federação de Bandeirantes com as crianças, na orientação sobre a aids**

“Se fosse tratado com seriedade, quem estaria na frente, falando e divulgando o trabalho, seriam as pessoas sérias, e não somente a Igreja. A Igreja tem um papel fundamental? Sim, mas não é a Igreja que deve decidir se haverá ou não distribuição de camisinha. O trabalho de prevenção é a única coisa que temos em mãos.”

**CLÁUDIO NASCIMENTO, 36 anos, Superintendente Estadual de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos do Rio de Janeiro**

“A gente tem que reconhecer que nos últimos dez anos, a política pública de aids no Brasil tem sido um exemplo para vários países. No entanto, enquanto gestor, acredito que ainda tem uma série de desafios. O direito das pessoas vivendo com aids ainda não é respeitado e a discriminação ainda é muito grande. Uma das ações de prevenção mais eficientes é o uso da camisinha. Ela deveria ser distribuída para toda a rede de escolas e em espaços públicos.

Acho que as campanhas precisam ampliar o diálogo com determinados segmentos, como juventude, homossexuais, mulheres, população negra.”



**INGRID BERG, 30 anos, advogada, Rio de Janeiro,**

“Acho que sim. Há um programa social do governo de auxílio às pessoas vivendo com HIV, com fornecimento de medicamentos.”

## veja soh!

Uma dica legal de documentário é o Xpress, que fala sobre prevenção, violência e política na América Latina. É uma co-produção da MTV Brasil, Latino e Tempo (MTV do Caribe), com apoio do Unicef e da Fundação Staying Alive. Imagens captadas no Brasil, Jamaica e México. Para complementar, foi lançado também o site, onde as/os jovens podem ter acesso ao documentário, tirar dúvidas e testar os conhecimentos sobre HIV/aids e outras doenças dsts. O objetivo é estimular e aumentar o conhecimento sobre as formas de proteção na hora H. Em linguagem descontraída, o site traz vídeos sobre o tema e apresenta curiosidades, como a invenção da camisinha. O endereço eletrônico é [www.mtv.com.br/xpress](http://www.mtv.com.br/xpress).



# Foco Jovem

FÁBIO HENRIQUE DE MORAES,  
do Escuta Soh!,  
GUSTAVO BARRETO, RENATA SOUZA  
e AMANDA DE SOUZA, da Viração

Evento no Rio de Janeiro lança  
campanha do Dia Mundial da Luta  
contra a Aids direcionada para a  
juventude e que rola todo o ano de 2008



A juventude é o centro das atenções no Ministério da Saúde. O lançamento da campanha da luta contra a aids foi no dia 1º de dezembro de 2007, mas acontece durante todo o ano de 2008. O tema: Sua atitude tem muita força na luta contra a aids. A principal ação foi realizada pela primeira vez no Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. Um laço vermelho de oito metros de altura, símbolo de solidariedade pelas pessoas vivendo com HIV/aids, foi colocado aos pés da estátua. O objetivo da campanha é afirmar os direitos do jovem de viver sua sexualidade e de ter acesso ao preservativo e à informação.

Um dos presentes no evento foi o ativista Cazu Barros, Coordenador Nacional do Projeto Aids da Federação de Bandeirantes do Brasil. Com 34 anos, Cazu vive há 18 anos com HIV. "Mesmo na zona sul do Rio de Janeiro, em um lugar onde supostamente há mais educação e acesso à informação, ainda existe preconceito. Depois que eu apareci na campanha de 1º de dezembro de 2006, eu tinha um vizinho e a gente costumava sair no mesmo horário para passear com o cachorro. Por conta disso, ele mudou o horário, muda de elevador quando me vê e não fala mais comigo."

A campanha de 1º de dezembro, que Cazu Barros protagonizou, se chama Prevenção Positiva, que é trabalhar com as pessoas com aids como se elas não tivessem. A campanha do Ministério da Saúde de 2006 mostrou algo diferente. “Pessoas vivendo com aids podem ser uma pessoa qualquer, a gente não carrega isso na testa e nem fisicamente”, ressaltou.

Também no evento, o mineiro **Thiago Barbosa** contou como contraiu HIV. “Foi na primeira relação sexual que eu tive com a minha primeira namorada, com 15 anos. Hoje estou com 21.” Atualmente, Thiago estuda filosofia e trabalha na ONG Grupo VHIVER (*leia a entrevista que ele concedeu à galera do Escuta Soh! nas páginas 8 e 9*). O Programa Nacional de DST e Aids ainda precisa melhorar muito, apesar de ser o único programa governamental que distribui gratuitamente o coquetel no mundo. “No entanto, não temos acesso aos medicamentos que curam as doenças oportunistas que levam à morte, como pneumonia e tuberculose”, lembra Cazu.



Gustavo Barreto

“A verdade é que faltam kits para exame, as pessoas aguardam mais de dois meses uma testagem para saber se têm HIV, os medicamentos não têm regularidade, não se encontram profissionais de saúde na rede pública. E olha que estamos falando de Rio de Janeiro e São Paulo. A realidade de outros Estados do País é pior”, destacou.

### MOBILIZAÇÃO DOS JOVENS

Com 24 anos e vivendo com HIV, o curitibano Kleber Fabio de Oliveira Mendes foi o representante dos jovens no palco montado no Cristo Redentor. Ele vê avanços na luta contra a aids, mas ressalta que ainda há muito por fazer. “Temos que fazer parte para que esta mudança aconteça. Avançar em novos meios de tratamento, em novas secretarias, em novos ministérios.” Kleber acredita que as campanhas ainda estão presas à área de saúde. “A aids não é só uma questão de saúde, mas também de cultura, educação. A questão é que o jovem não se sente vulnerável. Ele sente que isso é uma doença do outro.”

O ato foi organizado pelos governos Federal, Estadual e Municipal e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e Aids (Unaids), Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA).

Uma das presentes foi Marie-Pierre Poirier, representante do



Gustavo Barreto

Marie-Pierre e Nils Kastberg, do Unicef

Unicef no Brasil. “Num país como o Brasil é necessário colocar este tema no debate público. Um evento como esse, num lugar tão simbólico, alerta a sociedade sobre o fato de que há algo especial acontecendo”, afirma **Marie-Pierre**.

Para ela, as políticas públicas na área estão melhorando, porque estão deixando de falar apenas com determinados grupos de jovens com um nível de risco maior e começando a falar com todos os jovens.

**“A verdade é que faltam kits para exame, as pessoas aguardam mais de dois meses uma testagem para saber se têm HIV”**

Ricardo Ramos, do Grupo Pela Vidda

### DE JOVENS PARA JOVENS

Ao lado de Marie-Pierre, esteve no evento Nils Kastberg, diretor regional para a América Latina e Caribe do Unicef. Ele destacou como positiva a participação dos jovens e adolescentes que se capacitam no tema do HIV e aids. “Eles próprios começam a compartilhar as informações na televisão, no rádio, e outros jovens os escutam muito melhor do que quando os adultos falam. Creio que aí está o caminho do futuro, se queremos parar o HIV. Que muitos jovens transmitam essa mensagem a outros jovens.”



Gustavo Barreto

Durante o evento, a entidade ativista Grupo Pela Vidda aproveitou a presença de autoridades para protestar contra a falta de profissionais e de remédios. “O principal objetivo da nossa manifestação é chamar a atenção da população para dizermos que a aids não está resolvida. O governo vende para o mundo que tem o melhor programa de aids, só que não é essa a verdade”, adverte Ricardo Ramos, um dos coordenadores do Grupo Pela Vidda.



# A onda é multiplicar



Fotos: Agência Brasil



Uma das maneiras de lutar pelos seus direitos e multiplicar conhecimentos é sair às ruas

No Paraná, jovens se encontraram para trocar figurinhas e propor ações para multiplicar o conhecimento sobre HIV/aids e combater o preconceito

OTÁVIO HENRIQUE MONTANHER, do Escuta Soh!


Participei de um encontro no fim do ano passado, em Curitiba (PR), promovido pela Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids do Paraná. Em um hotel, foi reunida a galera das cidades, além de Curitiba, de Cascavel e Toledo. Neste evento, aprendi muitas coisas, como trabalhar com pessoas que descobriram há pouco tempo que estão com o vírus. Fiz parte da equipe organizadora do encontro.

Nessa minha primeira experiência como instrutor – é a primeira vez que jovens fazem parte da organização –, fizemos uma roda de apresentação com todos os participantes. Havia muitas pessoas, cada uma com histórias diferentes. Aprendi muito, e vou passar isso pra toda galera que eu conhecer de agora em diante. Quero ser multiplicador.

Fizemos teatro em grupo, discutimos bastante sobre os assuntos que norteiam o nosso dia-a-dia e, principalmente, o que fazer para acabar com o preconceito em torno da doença. Decidimos que vamos traba-

lhar juntos para multiplicar nossas idéias e conhecimentos acerca do assunto.

Fiz novos amigos, conheci pessoas muito legais que passei a admirar muito. E coloquei nossa missão em prática: convidar outros jovens para participar da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids do Paraná. Bom, ainda não sei quem vou indicar, mas estou à procura de pessoas com muita vontade e garra. Procuo pessoas que estão a fim de trabalhar e ir atrás de soluções, que adorem trabalhar em equipe.

Este evento foi muito bom, era como se fosse uma capacitação para trabalhar com todos os tipos de pessoas. Mostrei-me de uma maneira que não me reconhecia, de tão entusiasmado que eu estava. Foi ótimo pra mim. Aprendemos a trabalhar com nosso espírito, a ter uma boa respiração no nosso dia-a-dia e a fazer exercícios que ajudam em nosso bem estar. Um dia que não esquecerei tão fácil. 

Márcio Baraldi

HOJE VOU FALAR SOBRE HIV/AIDS, MINHA GENTE. SE VOCÊ TEM PRECONCEITO, ENTÃO É VOCÊ QUE TÁ DENTE!



O VÍRUS NÃO SE PEGA COM BEIJO, ABRAÇO, APERTO DE MÃO, POR ISSO NÃO HÁ MOTIVO PARA DISCRIMINAÇÃO!



VIVER COM O HIV NÃO TEM NADA DE ANORMAL. TRATE O SORO POSITIVO DE IGUAL PARA IGUAL.



TRANSFORME SUA CABEÇA, TRANSFORME O SEU JEITO. RISQUE DA SUA VIDA A PALAVRA "PRECONCEITO"!



MOSTRE QUE VOCÊ TEM ATITUDE, COMBATA O PRECONCEITO PRA QUE O MUNDO MUDE!



E NUNCA ESQUEÇA O PRESERVATIVO, QUE É SEU AMIGO. COM ELE TU TEM SEMPRE TOTAL PROTEÇÃO!



# escuta soh!

**Notícias Juventude Sexualidade**

**Confira a produção  
da galera!**

[www.revistaviracao.org.br/escutasoh](http://www.revistaviracao.org.br/escutasoh)